

ÀS MARGENS DO TAQUARI: POESIA E PROSA NUMA DESPOÉTICA DO REGIONAL

ON THE BANKS OF TAQUARI: POETRY AND PROSE
IN A DE-POETICIZATION OF THE REGIONAL

Nathalie Elias da Silva Cavalcante

Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. Doutoranda em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. Professora Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Coxim – Brasil.

E-mail nathalielias@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-3717-3521>



RESUMO: Neste trabalho, buscamos, por meio da obra da escritora e poeta indígena Gleycielli Nonato, explorar novas faces do regional nas entrelinhas de dois de seus textos, sendo o primeiro um poema, e o segundo um conto/causo. Trazemos para a discussão da regionalidade os conceitos de epistemologias outras e desobediência epistemológica, bem como os de fronteiras geográficas e exterioridades representadas na literatura sul-mato-grossense. Partimos do pressuposto de que a literatura de autoria feminina, indígena e coxinense parte de uma localidade subalterna do poder e do saber e de corpos e conhecimentos que salvaguardam histórias locais.

Palavras-chave: regionalismo; poesia e prosa; pensamento decolonial.

ABSTRACT: In this work, we seek to explore new aspects of regionalism through the writings of indigenous writer and poet Gleycielli Nonato. We analyze two of her texts, a poem and a short story/anecdote, in order to discuss the concepts of other epistemologies and epistemological disobedience, as well as geographical borders and externalities represented in the literature of Mato Grosso do Sul. Our starting point is the assumption that literature authored by women, indigenous individuals, and from Coxinense arises from a subaltern locality of power and knowledge, and from bodies and knowledge that safeguard local stories.

Keywords: regionalism; poetry and prose; decolonial thought.

1 INTRODUÇÃO

O Regionalismo literário brasileiro expressa-se por meio de uma tendência integrada na grande virada romântica, direcionando a temática das obras para a concretude e a particularidade de personagens e locais delineados e delimitados em suas tradições, costumes e modos de subsistência. As diversas faces do que hoje chamamos de literatura regionalista construíram-se em uma resposta moderna às pretensões universalistas da tradição clássica. No Brasil, a vertente se delinea no âmbito do romantismo por meio do qual não apenas consolida-se, mas também projeta-se adiante em realizações pós-românticas, atravessando o século XX até alcançar o início do XXI.

Com o status de questão e programa, o regionalismo aparece já no século XIX. *Olaia e Júlio*¹ (1830) é o primeiro romance folhetinesco da literatura brasileira a se ter notícia, sendo também considerado obra inaugural da tradição regionalista por aqui, já que situa a ação nas províncias do Norte e valoriza traços definidores da paisagem e do lugar, com menções não menos relevantes à seca ao sertão.

A partir do século XX, haja vista as manifestações literárias regionalistas nos escritores do XIX, como José de Alencar e Franklin Távora – apenas para citarmos exemplos –, as principais histórias literárias: Nelson Werneck Sodré, Afrânio Coutinho e Lúcia Miguel Pereira, reservam parte

¹ O texto de *Olaia e Júlio* ou *A periquita: novela nacional* pode ser encontrado hoje em edição e notas de José Américo Miranda e Norma Leles Amaral Pereira.

específica para o assunto. Contudo, em dado momento

[...] os estudos literários, com base na primeira distinção filosófica entre os conceitos de universal e particular interpretada em chave axiológica, passaram a evitar a classificação como regionalistas de obras e autores criticamente valorizados, no pressuposto de que o termo, por seu conteúdo semântico, à medida que exaltaria o particular em detrimento do universal, implicaria em incontornável depreciação dos objetos a que viesse a aplicar-se. (SALES E SOUZA, 2013, p.8)

Muitos escritores, portanto, começam a repelir o rótulo regionalista, embora suas obras contenham extratos claramente regionais. É no mínimo curioso como um termo, a princípio meramente descritivo, conjura um juízo negativo tão prontamente assimilado ao mesmo tempo em que, resiste, embora a pecha de velha praga, décadas a fio como um dos filões da literatura brasileira mais praticados, ainda. Ora, esta relação dúbia com o regionalismo numa espécie de “entre tapas e beijos” - para lembrar uma canção popular - por si só é elemento motivador para empreender não só um retorno às obras sob o epíteto, como também verificar em que medida há permanência regionalista nas obras produzidas em nossa literatura na atualidade.

Outrossim, cabe, hoje, falar em regionalismos, visto que com o desenvolvimento capitalista houve mudança significativa na face rural do mundo agrário. As relações entre campo/cidade foram sofrendo uma dialetização com o advento das tecnologias.

Hoje, a relação capital/cidade do interior, esta última ainda herdeira de um mundo rural, mas também assimiladora de processos urbanos das capitais; a relação capital /periferia, onde, usualmente, se instala o homem expulso do campo que passa a conviver com as mazelas das grandes cidades; ligados a esses os temas da migração, exílio, desenraizamento, violência, sexualidade, angústias da existência etc. das cidades grandes assimiladas pelas cidades interioranas e pelas periferias; os modos de vida, gostos e costumes modificados etc. - todas são relações que não permitem mais a percepção do regionalismo como um mundo rural oposto a uma cidade urbanizada. (VICENTINI, 2015, p.218).

A própria noção do que seja regionalismo, pois, se vê implicada numa perspectiva que pode incorporar novos sentidos. Ao que parece, a percepção de um regionalismo ligado ao sertão, ao sertanejo ou à figura do caipira não basta para dar conta do escopo de obras que podem ser lidas enquanto herdeiras da tradição regionalista. Tais obras - podemos apontar como exemplo o estudo de Tânia Pellegrini (2004) sobre a revitalização do regionalismo em Milton Hatoum² - trazem em seu bojo elementos regionalistas ora explícitos, ora implícitos em que a divisão campo/cidade não parece ser um dado de maior relevância, antes, como aponta Chiappini (1995), revelam a regionalidade como um momento estrutural do texto:

O espaço regional criado literariamente aponta, como portador de símbolos (que é), para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente. Na obra regionalista, a região existe como regionalidade e esta é o resultado da determinação de um espaço como região ou

² Para Pellegrini (2004 p. 134-135) a obra de Hatoum utiliza-se do gênero regionalista de maneira a fazê-lo funcionar como descoberta do país, só que ao invés de exaltar o pitoresco da fala e do gesto ou tratar o homem como mais um elemento do exótico, trabalha de forma esteticamente elaborada com a observação e a memória.

província ao mesmo tempo vivido e subjetivo. (1995, p.15).

Como um espaço vivido, a regionalidade passa para o campo subjetivo em que as peculiaridades regionalistas, antes tidas como traços definidores como a cor local e o exotismo são esmaecidas. Em outras palavras, a superficialidade e a externalidade descritivas: espaço, usos e costumes estão contidas, num processo de internalização, nos personagens e na estória narrada. O duplo local *versus* universal já não encontra eco nesse tipo de regionalismo como forma de categorização da obra, porque a região internalizada conduz ao universal por meio de um viés particular. “Esboçada assim, a regionalidade passa a ser um dos valores da criação da singularidade dos personagens, do enredo, da linguagem etc. e, portanto, da fatura da boa literatura.” (VICENTINI, 2015, p. 219). O regionalismo, então, torna-se um adjetivo atribuído a obras em que a regionalidade exerce uma função significativa, reunindo sob suas peculiaridades personagens, espaço, enredo, e sobretudo oportunizando a abertura desses elementos para a propiciação de reflexões de maior alcance, tanto dos fatores internos relativos à composição estrutural da obra, como das imbricações sociais e culturais.

Nesse sentido, propomos uma leitura possível da prosa de autoria feminina da artista indígena Gleycielli Nonato em *Índia do rio: poesias* (2012) e *Vila pequena: Contos, Causos e Lorotas* (2017). A partir do trabalho de Gleycielli, ribeirinha das margens do Rio Taquari, pantaneira do Pantanal dos Payaguás, indígena da etnia Guató, sugerimos uma abordagem com vistas numa *despoética* do regional. Trazemos para o debate da regionalidade autores que discutem a decolonialidade sob a perspectiva da

desobediência epistemológica e as epistemologias do Sul: uma leitura que evidencia, ao invés de universalidade ou cor local, a sensibilidade de mundo do autor/narrador. Queremos juntar à nossa reflexão alguns conceitos relacionados ao envolvimento físico/emocional, ou seja, do corpo com suas emoções e sentimentos, nas lutas sociais de sujeitos habitantes de fronteiras e lugares subalternos do ser e do saber.

A maneira pós-moderna de conceber o aprendizado de conceitos e sua aplicabilidade carrega consigo o problema da subalternidade, já que, como detentora do saber científico e humanístico, desde sempre, a epistemologia moderna impôs seus métodos e vereditos sobre o que é verdadeiro ou falso aos países e povos subalternos. Na esteira de Santos (2010) em *Epistemologias do Sul* queremos compreender a necessidade de um diálogo que parta do lado de cá, para o lado de lá, isto é, da perspectiva de quem habita a fronteira.

Santos (2010) em sua introdução ao livro *Epistemologias do Sul*, argumenta contrariamente à pretensão da epistemologia moderna de ser a única possível. Santos põe um machado à raiz do “Eu” cartesiano quando inicia seu texto referindo-se à esfera social ao especular a gênese da produção do conhecimento. Para ele o conhecimento se produz ou reproduz a partir das experiências sociais. Essa produção do conhecimento pressupõe uma ou várias epistemologias. Longe de condenar a ciência moderna, que segundo Santos não foi um mal incondicional, mas também não foi um bem incondicional, o que se busca é a conscientização de que a epistemologia legitimou a ciência moderna por meio de um aparato institucional, e foi esse aparato o que tornou mais difícil o diálogo entre a ciência e os outros saberes. A partir

dessa reflexão inicial, o autor constata que a epistemologia dominante se assenta numa dupla diferença: a diferença do mundo cultural cristão ocidental por um lado, e a diferença política do colonialismo, capitalismo por outro.

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade. (SANTOS, 2010, p. 7)

Podemos então, entender que a reivindicação de uma pretensão de universalidade epistemológica, só foi possível pela imposição da força do colonialismo sobre os povos subalternos. Essa imposição, por sua vez, veio a suprimir as práticas de conhecimento contrárias aos interesses de seus agentes. A essa supressão não só de conhecimentos outros, mas das vidas portadoras dessas experiências e memórias, Santos vai chamar de *epistemicídio*.

O epistemicídio, portanto, seria, para retomar uma metáfora poética de Gleycielli Nonato em *Índia do rio* (2012), o que torna em cinzas a gente “*queimada em latifúndio, como cana que já não é mais doce*” (n.p). O que era doce nesses povos, e caro para eles, tornou-se em carvão e cinzas quando sob o pretexto da missão colonizadora procurou-se homogeneizar o mundo, obliterar as diferenças culturais, com isso desperdiçando-se, *queimando* a diversidade epistemológica, política e cultural do mundo (Santos, 2010).

A epistemologia dominante, também chamada por Santos (2010), de pensamento abissal, está fundamentada numa divisão invisível entre as

formas de conhecimento que são produto do pensamento moderno e as formas de conhecimento que não o são. Nessa divisão ocorre o abismo, pois as epistemologias outras estão do lado oposto da linha divisória, nesse lado elas desaparecem no abismo, pois não são levadas em conta e são tidas mesmo como inexistentes. Uma característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade desse pensamento coexistir com outras formas de ser, fazer e viver. O pensamento abissal só é possível quando se faz primordial e único diante das possibilidades *invisíveis* das epistemologias outras.

Colocar o pensamento descolonial ao lado do regionalismo literário é oportuno, pois de acordo com que dissemos anteriormente sobre esse filão literário e as mudanças pelas quais vêm passando, a reflexão sobre a colonialidade e a valorização dos locais fronteiriços com suas epistemologias têm a contribuir para ampliar a discussão em torno do regional, apontando para novas perspectivas de compreensão dessa estética literária, como veremos a seguir.

2 CORPO: UMA REGIÃO POSSÍVEL

O pequeno livro *Índia do rio* (2012) apresenta um conjunto de poemas reunidos sob o a temática do exílio indígena da etnia Guató, mais especificamente, partindo da experiência biogeográfica e étnica da poetisa coxinsense Gleycielli Nonato. Em *Fogo*, lemos a metáfora do corpo indígena corrompido com o coração paradoxalmente renovado

Fogo
Se corrompeu o corpo
E libertou a alma;
Então amadureceu
O coração.
(NONATO, 2012, n.p)

O poema fala do corpo. Um corpo que só após corromper-se liberta a alma. Tomada no sentido denotativo, a palavra corrupção significa deterioração, declínio físico, processo que o corpo, o fruto, ou algum material sofre com a passagem do tempo. O fruto ao amadurecer encontra-se num processo de corrupção, deterioração, que com o passar do tempo passa para o estágio de apodrecimento, no caso do corpo, para putrefação. Até esse ponto o leitor é levado a entender a corrupção do corpo como sinônimo da morte, porque depois da morte ocorre o processo místico, (talvez mítico) de libertação da alma, como se o corpo fosse sua prisão. Mas o verso seguinte alude ao coração, órgão vital para o corpo, e diz “*Então amadureceu o coração*”. Esse verso dá nova dimensão interpretativa ao poema. A corrupção não é morte, mas processo de vida.

O corpo corrompe-se, não ao morrer, mas à passagem do tempo em espaços marcados por lutas, conflitos e resistência, que leva a cada dia à proximidade com a morte. A corrupção é tida como processo de maturação. A luta corrompe, leva à maturação, à experiência. O fogo, do título, prova, o fogo purifica e transforma. O título corrobora para o significado da corrupção do corpo, tomada como algo positivo. A alma só ganha liberdade à medida que o corpo se corrompe pela luta, pela dificuldade dos embates e pela resistência à opressão sofrida. A alma está livre desde que o corpo empreenda essa luta, não ficando alienado e indiferente a ela. O coração amadurece, também envelhece nesse processo,

mas é a luta que garante a liberdade da alma, que propicia o sentir-pensar inscrito nas lutas sociais. Estabelece-se metaforicamente o que Santos (2018) chama de *Corazonar*, termo que conceitua no texto *Corpos, conhecimento e corazonar* ao tratar da corporificação do conhecimento e de sua implicação nas lutas empreendidas pelos corpos físicos que o detêm.

A região não se inscreve apenas no território habitado, mas é o próprio corpo. Por meio do corpo que é também espaço interior e exterior se ressignifica a regionalidade não apenas geográfica, mas literária. Um corpo que escreve é uma região que se deixa entrever em seu fazer literário e estético ao mesmo tempo em que todos os corpos em todos os tempos são locais e, também, universais, pois compartilham de semelhanças em sua constituição biológica. Ao lermos a sensibilidade dos corpos é possível dizer, então, que o local e o universal se coadunam e não representam mais um problema quando vistos sob essa perspectiva na transcrição literária da regionalidade.

Santos (2018) fala de três corpos, antes de tudo, porém salienta o conhecimento como pertencente à casa do corpo físico, presente em todas as dimensões da atividade intelectual, pois dele surgem as narrativas, sendo o próprio corpo considerado uma ur-narrativa, ou, para usar um termo nosso, uma supra-narrativa que faz surgir e engloba todas as demais narrativas derivadas. Diferente de como o corpo é concebido pelas epistemologias no Norte, que consideram o sujeito sobretudo pela episteme, sendo este não empírico, para as epistemologias do Sul o conhecimento corporizado manifesta-se em corpos vivos, esses corpos são os que lutam contra a opressão, ora sofrendo com a derrota, ora exultando com a vitória.

Os três corpos, sejam eles individuais ou coletivos, se articulam em diferentes estágios ou momentos dentro da perspectiva das lutas sociais contra a opressão da sociedade injusta em que vivem. São esses, corpos moribundos, corpos sofrendores e corpos jubilosos “Esses corpos explicam as principais condensações do impacto de relações sociais perversas sobre corpos racializados, sexualizados e mercantilizados” (SANTOS, 2018, p. 139).

O corpo moribundo é aquele que por meio do martírio vê seu fim provisório na luta, mas que continua vivo por meio de outros corpos que empreendem essa luta. O martírio é um conhecimento corporizado que pode chegar à extinção do corpo, mas que não possui qualquer ideia de autodestruição, deixando um legado memorável para as vidas que o celebram lembrando e reivindicando a herança de suas ações. *O corpo sofredor* é o corpo que sobrevive e persevera na luta, seja pelo sofrimento injusto causado pela opressão, ou pelo sofrimento autoimposto como ato de resistência com vistas ao fim do sofrimento injusto. *O corpo jubiloso* é aquele que nos intervalos da luta se regozija com o prazer, as festas, a dança, o canto, o erotismo, tudo em celebração da alegria do corpo. As lutas sociais não são apenas morte e sofrimento, mas sobretudo alegria e júbilo com as vitórias.

Um dos motivos que fazem com que esses corpos perseverem na luta contra as desigualdades, as injustiças, a violência e o sofrimento é o sentimento de intimidade humana que compartilham, a resiliência humana é expressa no *corazonar*. Quando a razão-argumento para as lutas implica em risco existencial há que se ter emoções, afetos e sentimentos envolvidos para que esse sofrimento resulte em resistência na luta, sem os quais, não é possível equacionar luta/sofrimento *versus* esperança/vitória. “O

aquecimento da razão é o processo através do qual as ideias e os conceitos continuam a despertar emoções motivadoras (...) que reforcem a determinação de lutar” (SANTOS, 2018, p.150).

Corazonar, portanto, é um conceito que diz respeito ao aquecimento da razão pelas emoções, ou seja, dar coração à razão, sentimento aos argumentos, a fim de que ganhem força para a luta contínua contra a opressão. *Corazonar* significa se colocar no lugar do outro, não como um mero expectador misericordioso, mas como alguém que experimenta em sua própria carne o sofrimento e infortúnio injustos como se fossem propriamente seus.

Tanto o conceito de *corazonar* quanto o conceito de “suficiências íntimas” trazidos ao texto por Santos, surgem das lutas dos povos indígenas e afrodescendentes da América Latina. *Suficiências íntimas* é traduzido por Santiago Arboleda (ARBOLEDA, 2002, p. 417 *apud* SANTOS, 2018, p. 152) em seu estudo dos povos afrodescendentes da Colômbia. O termo se refere aos motivos intrínsecos da memória coletiva, de sentidos acumulados que produzem uma determinação intimamente inabalável contra inimigos aparentemente inexpugnáveis. Pode ser compreendido como um conjunto de recursos, uma reserva de sentidos a que se pode recorrer dando forma a uma força social e cultural da memória coletiva.

A razão *corazonada* e fortalecida pelas *suficiências íntimas* sustentam o corpo que se “corrompe” (no sentido do poema *Fogo*) fazendo com que se amadureça o coração. Um coração maduro pertencerá a um corpo corrompido pelo tempo, talvez moribundo ou sofredor, mas também jubiloso na esperança da vitória, e nas conquistas alcançadas.

Essa forma de ler a poética regionalista aponta para sentidos que não se restringem ao espaço físico, às paisagens pitorescas, aos costumes e tradições descritos ou metaforizados na poesia. Demostramos, portanto, que a poesia de gênese local germina e brota desse chão, mas não se limita a ele, antes abre-se para sentidos outros enriquecendo a literatura sob a égide do regional.

3 REGIÃO DE FRONTEIRA: ALIADOS EM TEMPOS DE GUERRA

Em algum lugar no meio das serras, com uma estrada de terra comprida, um rio que corre para baixo. Lá tem (...) um povo que gosta de festa (...). Fica longe do barulho, mas bem perto do paraíso. Talvez logo depois do fim do mundo, ou no começo de *outro* mundo. Tem boteco, pracinha, cachaça boa, baile aos sábados e missa aos domingos. Tem Axé e tem Amém.

Tem festa pra santo com fartura na vizinhança. E tem um lugar pra você e, pra que quiser chegar. Porque todo toco rodado que desce o rio e para na curva, se aconchega no barranco. Se aduba... Se germina... E brota. (NONATO, 2017, p. 19)

O texto é a introdução do livro *Vila Pequena: Causos, Contos e Lorotas* (2017) de Gleycielli Nonato, nele a autora reconta as histórias populares que povoam o imaginário da região às margens do Taquari. O próprio título do texto, *Onde Fica Vila Pequena?*, nos remete diretamente à necessidade de uma coordenada geográfica, no entanto ao ler o texto por inteiro, em nenhum momento essa indicação precisa nos é apontada. Paira a pergunta... *onde mesmo fica Vila Pequena?* A imprecisão aqui da

coordenada geográfica é proposital e o leitor precisa seguir as pistas, os indícios do poeta para encontrar esse lugar.

Primeiro, sabemos que o lugar fica “no meio das serras, com uma estrada de terra comprida, um rio que corre para baixo”, um lugar longe da agitação dos grandes centros, perto mesmo do paraíso, e a indicação que mais se destaca, a meu ver, é quando o narrador diz que o lugar pode estar situado no fim do mundo ou em *outro mundo*. Ali as pessoas gostam de festa e compartilham de uma série de ritos e costumes diversos, bem como de religiões diferentes. O lugar está aberto para quem quiser ali viver, e a descrição acaba num desfecho poético “Porque todo toco rodado que desce o rio e para na curva, se aconchega no barranco. Se aduba... Se germina... E brota.” (p. 19) Esse excerto descritivo de Vila pequena me faz pensar que esse lugar seja fronteiro. Vila pequena é um lugar de fronteira, lugar onde gentes de diferentes costumes comungam, lugar que mais parece ser *outro* mundo, pois tem sua própria forma de conceber a vida que destoa da lógica da modernidade. Vila Pequena está na curva, na margem ou no barranco, e a vida das pessoas que ali chegam como um toco rodado na curva de um rio, se aconchega, se aduba se germina e brota.

O excerto ilustra poeticamente o que podemos entender por lugar, ou mesmo, pensamento de fronteira, um espaço que não é passível de definições restritas e que não se confunde com limites territoriais. A propósito da condição fronteira e para retratá-la incorporei ao texto um caso ocorrido em *Vila Pequena*

Nos tempos da Guerra Brasil e Paraguai, a pequena Vila, ao contrário das demais cidades e vilarejos, tocava a vida num sossego sabiá.

O caso é que era um povo tão matuto, tão tranquilo que ouviam ao longe que havia uma guerra, mas longe... Bem longe...

Na tranquilidade tremenda de um povo ribeirinho, apareceu por lá um soldado forasteiro, vestido de farda falando arrastado guarani. Para o povo daquela Vila isso era corriqueiro, pois já estavam acostumados a viver juntos aos vizinhos paraguaios; eram todos amigos, todos festeiros. O forasteiro precisava de ajuda, estava machucado, com fome; fugia da tal guerra. O pessoal da Vila o acolheu, ninguém estava de mal com o Paraguai, como eu falei, faziam festas juntos, e festas das boas.

Deram abrigo, água boa, comida farta, vestes e ervas para as suas feridas. E por ali ele ficou. Com o passar do tempo chegou a notícia de que as tropas do Brasil estavam indo para Vila Pequena atrás de um fugitivo de guerra, um inimigo do Brasil. E que a população da Vila estava traindo a todos acolhendo aquele criminoso. A notícia chegou à Vila, como ninguém ali queria saber de confusão pediram para o soldado paraguaio se esconder na mata. Ele correu para um monte, onde do alto havia uma pedra e desta pedra podia-se ter uma visão privilegiada da pequena Vila, sem falar que nos pés do morro corria um riacho de água doce e fresca. O tempo foi passando e nada das tropas brasileiras, o soldado descia do morro em dia de festa para tocar arpa nos bailes da Vila, todos gostavam, ninguém ligava para a tal guerra.

Certo dia o soldado acordou e olhou de cima do mirante e avistou as tropas chegarem à Vila. Encheu seu cantil de água, pegou suas coisas e se enfiou mato adentro fugindo; as tropas brasileiras chegaram amedrontando os moradores da pacata Vila:

- Os paraguaios são inimigos, são perigosos, traidores e assassinos.

Colocaram tanto medo que algumas crianças cresceram ouvindo seus pais dizerem que ali é o morro do criminoso, o córrego é do criminoso, a estrada é do criminoso. E apesar dele ter sumido, o soldado paraguaio deixou em Vila Pequena um morro, um córrego, uma estrada,

dois filhos e uma arpa, e é claro, uma vontade de dançar um baile.

O Morro do Criminoso (NONATO, 2017, p. 33-34).

Vila Pequena é um lugar fictício que faz referência direta à cidade de Coxim no estado de Mato Grosso do Sul. Na introdução, a autora esclarece “Esta Vila já não é mais o mesmo Vilarejo de muitas histórias, mas carrega a essência de sua própria história pulsando no coração de seu povo”. (NONATO, 2017, p. 13). Ela também conta de onde surgiram as histórias que povoam as páginas do livro: dos botequins à beira do rio, cheirando à pinga e suor, onde homens baforavam seus cigarros contando histórias, causos e lorotas. Era para esses lugares que ela escapava, mesmo contrariando a vontade dos avós, lá Gleycielli ouvia as histórias, fumava cigarros com os homens e compartilhava dos mesmos problemas “entre doses e tragos, histórias de um povo que trabalha duro para sorrir no final do dia” (NONATO, 2017, p. 14).

No caso *O Morro do Criminoso* temos uma história de aliança em meio a uma guerra travada entre dois países, Brasil e Paraguai. Essa história, verdadeira ou lendária deixou na Vila Pequena marcas territoriais. Quem vem à cidade de Coxim pode ir ver de perto o riacho do criminoso, ou o morro do criminoso. Quem estuda ou trabalha nos campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS ou do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, IFMS, passa diariamente pelo riacho do criminoso, hoje bastante pequeno e minguado, e vê bem de pertinho o morro do criminoso, podendo subi-lo pelas escadarias de que hoje dispõe. Talvez pouca gente saiba o motivo do nome do riacho e do morro, mas o caso é bastante conhecido pelos antigos e está registrado no livro. Eu mesma, ao passar todos os dias a

caminho do campus do IFMS, pois é lá que trabalho como professora, me perguntava o motivo daquele nome. Sabia que tinha alguma relação com a guerra do Paraguai, mas não sabia qual. Até que me deparei com o causo no livro de Gleycielli e pude satisfazer minha curiosidade.

A história fala de alianças, aliados em tempos de guerra. A guerra era um evento distante para o povo de Vila Pequena que raramente tinha a harmonia de sua rotina interrompida. Até que um dia surge um forasteiro, um soldado paraguaio, um inimigo do Brasil, e o povo de Vila Pequena não se assusta, mas abriga aquele homem, dando-lhe comida, pouso, afinal os paraguaios eram seus amigos e vizinhos. Aos poucos a aliança entre a comunidade da vila e o homem estrangeiro vai se solidificando numa troca de gestos íntimos, partilham da comida e da água boa e até curam suas feridas com ervas, fazem festas juntos, e o paraguaio toca sua arpa, partilhando de sua cultura com esse povo.

No conto temos uma expressão ilustrativa de como as alianças se formam, e os aliados, que antes poderiam ser tomados como ameaças ou inimigos, podem se entranhar na vida da fronteira envolvendo a comunidade ao mesmo tempo em que são envolvidos por ela, aliando-se em seus costumes, maneiras e gestos, construindo, ao mesmo tempo em que são construídos pelo *outro*.

O povo de Vila Pequena não via motivo para rechaçar o homem, pois ele era apenas isso, um homem, um semelhante, um igual. Não o viam como um forasteiro inimigo, muito menos como um criminoso, mas o sentiram como um igual, alguém que como eles mesmos fugia de uma situação de guerra, buscando sossego e vida comum.

Salvaguardadas as particularidades teóricas, e propondo uma figuratividade talvez reduzida, temos aqui uma imagem do que Pessanha (2018) vai chamar de aliado hospitaleiro em seu livro *Recusa do não-lugar*. O aliado hospitaleiro é aquele que numa relação dual permite que o outro o devore, que tome para si o que é seu, sem qualquer conotação de roubo, ou apropriação, antes na intenção de se fazer parte do outro, de sua constituição.

E o que é um aliado hospitaleiro? Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo objeto para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de se em-frente. (PESSANHA, 2018, p. 71).

Assim quando o estrangeiro se imbrica nas relações e gestos dos moradores da vila ele não é rejeitado e expulso por células de defesa imunológica, como o faz o corpo diante de um vírus ou bactéria, mas é aceito e incorporado como parte desse corpo primeiro, mesmo que dele tire a energia necessária à sua própria subsistência (água, comida, espaço) não é visto como um parasita, mas como um adendo que agora também é corpo, pois ele agora é também um morador de Vila Pequena, é alguém que como os próprios moradores do lugar reconhece no tráfego de gestos o valor de estar alienado da guerra sangrenta, vivendo naquela comunidade, mesmo que isso não lhe garanta nada além da subsistência.

Embora não haja um sentido de canibalização no texto de Nonato, há a incorporação de gestos. É o “Ser-um-no-outro”, um dois em um uma relação que não conhece a dicotomia

sujeito-objeto da modernidade, antes o que há é sujeito-sujeito, não indivíduos, mas divíduos que habitam o mesmo espaço nutrindo-se mutuamente num espaço íntimo reconhecido por ambos.

Esse espaço íntimo criado leva o povo de Vila Pequena a resistir diante da ameaça das tropas. O povo não teme ser tido como traidor e ninguém entrega o forasteiro para o inimigo, que agora é representado pelas tropas de seu próprio país, o Brasil. O inimigo não é aquele que chegou e se apropriou dos gestos e dos costumes, mas é aquele que quer separar o aliado hospitaleiro do organismo vivo que está abrigado nesse corpo. A razão *corazonada* aparece no acordo tácito do povo em não entregar seu semelhante, pedindo que se esconda na mata, contudo o homem desce o morro para festejar com o povo que não se preocupa com o destino da guerra, pois eles mesmos travam suas batalhas diárias na fronteira Vila Pequena.

O envolvimento físico e emocional, não se separa da razão que motiva as lutas, ao mesmo tempo em que não deve subestimá-las ou sobrepujá-las, não pode alienar-se a elas, pois do mesmo corpo que provém a razão, provém a emoção. São os sentimentos e emoções que para além da razão-argumento nos motivam a ação, principalmente quando essa ação envolve riscos, quando é preciso mais do que um motivo racional para empreender a ação.

Numa comunidade, as memórias do sofrimento estampadas nos retratos antigos dos avós, nas histórias compartilhadas, histórias de opressão, perseguição, luta e indignação são o que mantém a chama dos sentimentos, emoções e afetos acesa para que a luta continue, para que os corpos não se prostrem em resignação, mas permaneçam de pé, apesar das dores. E as alianças que se

estabelecem nas comunidades fronteiriças no entremeio de conhecimentos e práticas subalternas são formas de criar resistência e subsistência mútuas, não há apropriação ilegítima, mas troca consentida de afetos, de comida, de gestos, de água, de espaço e de teto. Os aliados são hospitaleiros, hospedam e permitem serem hospedados para que a vida naquele lugar seja possível e sustentável.

O texto termina num tom melancólico e nostálgico. O medo embutido, pelas tropas (pelo “inimigo”), nas gerações futuras aparece em forma da nomeação dos espaços. Agora, Vila Pequena fica marcada pela estória de um criminoso, que para o próprio povo do local não era nada mais do que um amigo, um igual. E como as negatividades são tão mais fáceis de incutir e serem propagadas pela memória das gerações, até hoje aqueles espaços (o riacho e o morro) são assim chamados, mas pouca gente sabe que o criminoso era mais amigo do povo daquela Vila do que muitos de seus compatriotas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa leitura, procuramos evidenciar aspectos da obra da poetisa coxinense, Gleycielle Nonato, que tocam não apenas na regionalidade de seu fazer poético, mas que ampliam a reflexão acerca da existência e resistência das memórias dos habitantes de lugares pequenos, de fronteiras muitas vezes indistintas e menosprezadas, pela lógica globalizante do conhecimento/sensibilidade. Cremos que ler obras produzidas em uma região, emergentes da cultura local têm sido

um exercício entusiasmante ao pesquisador que se dedica a esse trabalho, revelando, na maior parte das vezes, grata surpresa.

É sempre temerário falar sobre regionalismo em literatura. Há ainda quem o considere tacanho, menor, seja porque só o veja sob a perspectiva romântica ou pré-moderna, seja porque não experimente a boa literatura que tem nascido sob o signo da regionalidade. Tais manifestações vêm reivindicando um lugar de diferença e fazem coro às forças contrárias às tendências universalizantes e destrutivas da globalização. De uma ou de outra forma, os regionalismos estão aí, vivos, saudáveis e mandam *recuerdos*.

Referências

COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na ficção. In: **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. v. 2, p. 219-289.

LEITE, Lígia Chiappinni Moraes. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159.

NONATO, Gleycielli. **Vila Pequena: Causos, Contos e Lorotas**. Campo Grande: Life Editora, 2017.

NONATO, Gleycielli. **Índia do Rio**. Coxim. Editora Siluri, 2012.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. O regionalismo. In: **História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1973. P. 177-224.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoun e o regionalismo revisitado. **Luso-Brazilian Review**, Estados Unidos, v. 41, n.01, p. 121-138, 2004.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SALES, Germana. SOUZA, Roberto Acízelo (orgs.). **Literatura Brasileira: Região, Nação, Globalização**. Campinas: Pontes, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza e; MENESES, Maria Paula (orgs.). Introdução. In: **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**. Coimbra: Almedina, 2018.

SODRÉ, Néelson Werneck. O regionalismo. In: **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. P.403-428

VICENTINI, A. Apontamentos sobre o regionalismo me literatura hoje. **Revista mosaico – Revista de História**, Goiânia, Brasil, v.8, n. 2, p. 215 – 2020, 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4434>. Acesso em: 26 jan. 2024.